



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUIVOLOGIA**

**DREYSON RIBEIRO**

**CONSERVAÇÃO EM ACERVOS FONOGRÁFICOS: preservar para não restaurar**

**ORIENTADORA: ANA CLÁUDIA CRUZ CÓRDULA**

**JOÃO PESSOA - PB**

**2016**

DREYSON RIBEIRO

**CONSERVAÇÃO EM ACERVOS FONOGRÁFICOS: preservar para não restaurar**

Artigo apresentado ao curso de graduação em Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em arquivologia.

Orientadora: Ms. Ana Cláudia Cruz Córdula

JOÃO PESSOA – PB

2016

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R484c    Ribeiro, Dreyson.  
          Conservação em acervos fonográficos: preservar para não restaurar  
          /Dreyson Ribeiro. – João Pessoa, 2016.  
          31f. : il.

          Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Ana Cláudia Cruz Córdula.  
          Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) –  
          UFPB/CCSA.

          1. Acervo fotográfico - Preservação. 2. Informação orgânica. 3.  
          Informação sonora. 4. Conservação de materiais fonográficos. I.  
          Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU: 930.25(043.2)

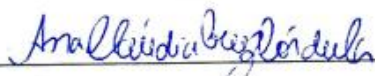
DREYSON RIBEIRO

**CONSERVAÇÃO EM ACERVOS FONOGRÁFICOS: preservar para não restaurar**

Artigo apresentado ao curso de graduação em Arquivologia, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em arquivologia.

Aprovado em: 01 / 12 / 2016

**BANCA EXAMINADORA**



PROF.<sup>a</sup> DCI/UFPB  
Ms. Ana Claudia Cruz Córdula  
**ORIENTADORA**

---

PROF.<sup>a</sup> DCI/UFPB  
Ms. Maria Meriane Vieira da Rocha  
**EXAMINADORA**

---

PROF.<sup>a</sup> DCI/UFPB  
Ms. Geysa Flávia Câmara Lima  
**EXAMINADORA**

## CONSERVAÇÃO EM ACERVOS FONOGRÁFICOS: preservar para não restaurar

### RESUMO

Analisar o processo de conservação e preservação de acervos fonográficos, bem como as suas características trazendo um breve histórico de seu surgimento, enquanto suporte documental. A metodologia utilizada para desenvolvimento deste estudo consistiu em um levantamento bibliográfico, pautado na busca de aportes teóricos para compreender os acervos fonográficos, assim como as questões que envolvem a sua conservação e preservação. A pesquisa foi dividida em duas fases, caracterizadas como exploratória e descritiva, utilizando-se a abordagem qualitativa. Constatou-se através do levantamento bibliográfico, que os suportes têm suas especificidades quanto aos cuidados e aos procedimentos de conservação, sendo importante o conhecimento dessas especificidades para traçarmos meios de conservação das informações registradas nesses suportes. Quanto aos discos em acetato e goma-laca, constatamos maior fragilidade deles, necessitando de cuidados ainda mais específicos. Quanto à tecnologia, esta se torna aliada à preservação e acesso às informações orgânica registradas em documentos sonoros, constituindo-se um instrumento auxiliar na manutenção e registro da informação sonora. Diante desse cenário, concluímos que as recomendações apresentadas são fundamentais para prolongar as informações registradas nos acervos fonográficos.

**Palavras-Chave:** Acervo Fonográfico. Preservação. Conservação. Informação Orgânica. Informação Sonora.

### 1 INTRODUÇÃO

No contexto arquivístico, despertamos para a variedade de suportes documentais nos quais a informação orgânica se materializa. São documentos convencionais, em suportes de papel, ou documentos especiais como os iconográficos, que carregam a imagem como campo informacional, tridimensionais, sonoros ou fonográficos, cartográficos, entre outros. Esses tipos de acervo materializam-se em suportes variados, e conforme Paes (2004, p. 22) destaca, “[...] por esta razão, merecem **tratamento especial não apenas no que se refere ao seu armazenamento, como também ao registro, acondicionamento, controle, conservação, etc.**”. (grifo nosso).

No presente trabalho, nos preocupamos em compreender como se dar o processo de conservação e preservação em acervos fonográficos, tendo em vista, a especificidade do suporte, bem como a variedade de procedimentos que devem ser realizados no processo de conservação da informação fonográfica.

Na atual sociedade da informação (CASTELLS, 2005), marcada pelo uso excessivo das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), e pelo rápido acesso à informação, percebemos a influência desses fatores também nos suportes documentais sonoros, os quais

foram modificando sua maneira de registrar essas informações, bem como apresentando-se em suportes variados, havendo a necessidade de um cuidado específico para cada suporte, por se tratar de materiais e tecnologias de reprodução diferentes. Frente a essa realidade, observamos o papel social do arquivista, no contexto da preservação da informação cultural contida nos registros sonoros, além de aplicar técnicas para torná-las acessíveis ao público.

Na perspectiva de contribuir com a preservação da informação sonora, pretendemos disseminar as medidas de conservação e preservação, com vistas à evitar possível necessidade de restauração, e consequente risco de perder às informações, as memórias de uma cidade, de um povo, de uma sociedade.

Neste contexto traçamos como objetivo geral analisar a importância do processo de conservação e preservação da informação em acervos fonográficos. Bem como objetivos específicos: compreender os tipos e características dos suportes documentais fonográficos; caracterizar os procedimentos de conservação e preservação para esses suportes e enfatizar a importância de sua preservação para a sociedade.

Para cumprir os objetivos propostos pela presente pesquisa, a mesma foi realizada através de um levantamento bibliográfico, pautado na busca de aportes teóricos para compreender os acervos fonográficos, bem como seus aspectos de preservação e conservação.

Gil (2002, p.48), relata que: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Sendo assim, é importante embasar a pesquisa através de uma revisão da literatura. Dessa forma, a pesquisa bibliográfica possibilita que o pesquisador tenha contato com materiais escritos, ditos ou filmados sobre determinado assunto, incluindo conferências transcritas por publicações ou, até mesmo, por gravações. Nesse sentido utilizamos como fontes secundárias, materiais bibliográficos publicados sobre a temática estudada, tendo como fontes os jornais, livros, teses, revistas, entre outras, possibilitando a coleta de informações importantes para o desenvolvimento da pesquisa. A presente pesquisa será dividida em duas fases caracterizadas, respectivamente, como exploratória e descritiva.

Por se tratar de uma temática pouco estudada por profissionais arquivísticos em âmbito nacional, e por carregar um valor informacional trazendo consigo a cultura, costumes e a história de um povo em uma determinada época, consideramos pertinente abordar, discutir e explanar as questões que envolvem a conservação e a preservação de acervos fonográficos. A partir do conhecimento, pode-se buscar meios para prolongar a vida útil dos suportes, tendo em vista a crescente gama desse gênero documental em instituições, principalmente em rádios

e tvs, que se não receberem o tratamento adequado, correm sério risco de degradação, levando aquela informação ao esquecimento total.

Em nossa pesquisa, seguimos da compreensão do arquivo, para o acervo especial, bem como os cuidados preventivos e conservativos que devem ser aplicados aos documentos fonográficos, com vistas a preservar a informação cultural, social, musical, para a sociedade.

## **2 ARQUIVO: breve contextualização**

Inicialmente é necessário, relembrarmos o conceito de arquivo, para compreendermos a sua relação e importância com os aspectos relacionados aos documentos especiais. Nesse sentido, recordemos Paes (2004) ao considerar o arquivo como uma acumulação ordenada de documentos no desenvolver das atividades de pessoas ou instituições, sendo preservados para a conclusão de seus objetivos, visando assim a utilidade no presente e futuro. Para a autora, a função do arquivo é manter a memória, e para que isso ocorra, é necessária a sua preservação, caso contrário, mesmo se deparando com um arquivo organizado, se os devidos cuidados preventivos não forem tomados, corremos o risco de perder a informação registrada no suporte.

É diante desse contexto que rememoremos Silva et al (2009) que evidencia o paralelo entre o caráter custodial e pós custodial dos arquivos. Os autores enfatizam que vivemos a era pós custodial, que privilegia a informação como fator principal do fazer arquivístico, logo, a preservação da informação em suportes variados, assumem um caráter importante no cotidiano do profissional arquivista. Nesse sentido analisamos o arquivo não só como um organismo de guarda e custódia, mas, sobretudo, como uma instituição que tem por finalidade a conservação, acesso e uso das informações, atuando como organismo ativo, na sociedade.

Diante desse contexto recordemos a Lei 8159/91, Lei dos arquivos, que define arquivo como um conjunto de documentos que são produzidos e recebidos tanto por órgãos públicos, como por instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, **independente do suporte da informação ou a natureza dos documentos**. (BRASIL, 1991). (Grifo nosso).

Percebe-se que o documento arquivístico é produzido independente do suporte, seja ele o convencional, isto é, em suporte de papel, ou em suporte variado como o digital, sonoro, imagético, entre outros. Diante desse cenário, consideramos importante compreendermos a relação do gênero documental e os suportes de informação, logo, de acordo com Bellotto (2008), o gênero documental é a designação dos documentos segundo o aspecto de sua

formatação nos diferentes suportes. Para a autora, o gênero documental é a configuração que assume um documento de acordo com o sistema de signos utilizado na comunicação de seu conteúdo, permitindo que seja denominado textual, iconográfico, sonoro, audiovisual, informático. No escopo teórico do dicionário de terminologia arquivística, gênero documental é:

Reunião de espécies documentais que se assemelham por seus caracteres essenciais, particularmente o suporte e o formato, e que exigem processamento técnico específico e, por vezes, mediação técnica para acesso, como documentos audiovisuais, documentos bibliográficos, documentos cartográficos, documentos eletrônicos, documentos filmográficos, documentos iconográficos, documentos microográficos, documentos textuais. (DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 2005, p.99).

Nesse paralelo, compreendemos que os documentos tradicionais, são documentos textuais, registrados em suporte convencional, suporte em papel. Já os documentos especiais, estes são registrados em suportes variados, sonoros, iconográficos, digitais, microográficos, entre outros. Sobre esta perspectiva, Paes (2004) relata que os arquivos especiais, são aqueles que acumulam documentos com formas físicas diversas no qual diferem do textual e necessitam de um tratamento específico tanto para o seu armazenamento como para seu controle, acondicionamento, registro, preservação, conservação, enfim, tudo que envolve especialmente os cuidados com os suportes documentais. Entre esses documentos a autora destaca: fotografias, discos, fitas, disquetes, slides, CD-ROM, microformas, considerando-os como composições dos arquivos especiais.

É interessante atentarmos para o fato de que uma determinada informação pode apresentar-se simultaneamente em dois ou mais suportes, comportando dois ou mais gêneros documentais. No caso dos registros sonoros, estes estão atrelados em suportes como discos, fitas, cd's, e o mesmo conteúdo informacional, podem está registrado ao mesmo tempo em mais de um suporte.

Historicamente, no século XX entre as décadas de 1960 e 1970 os arquivistas voltaram seus olhares para a inclusão de suportes não textual em fundos de arquivo, pois até então tais suportes eram colocados como coleção e encaminhados para especialistas de diferentes áreas. (ROUSSEAU; COUTURE, 1998). Portanto percebe-se que a conceituação e caracterização do termo arquivos especiais não aconteceu nos primórdios da disciplina arquivística, pois os olhares estavam voltados para a organização dos documentos em suportes de papel (BRITO, 2012).



Foi no primeiro congresso de arquivologia, em 1972, no Rio de Janeiro (RJ), que foi apresentado, estabelecido e incluído no programa do curso os conceitos de arquivo especial e arquivo especializado<sup>1</sup> onde refletem as características peculiares á natureza dos documentos, pois havia a necessidade de caracterização desses termos, com o objetivo de elaboração de uma proposta de currículo mínimo para o primeiro curso em nível superior de arquivologia.

É justamente no contexto dos arquivos especiais que podemos compreender os arquivos fonográficos, enquanto documento especial, que conforme afirma Aragão (2014), trata-se de um gênero documental pouco explorado no contexto da prática arquivística. Muito embora, contenham informações importantes na perspectiva histórica e memorialística para a sociedade. Preocupar-se com a conservação e preservação do documento fonográfico, é diretamente preocupar-se com a memória, com as informações registradas que perpassam o tempo, tornando-se quando acessíveis, fontes de conhecimento, especialmente para pesquisadores. São discos de vinis, CD's, fitas cassetes, suportes que expressam através da informação oral, as memórias de um tempo, de um povo, de uma sociedade.

### **3 DOCUMENTOS FONOGRAFICOS ARQUIVISTICOS: HISTÓRICO E PRINCIPAIS CARACTERISTICAS**

Ao longo da vida, documentos são acumulados e testemunham momentos importantes, trazendo à tona uma temporalidade. Os mesmos são produzidos e reunidos por uma instituição ou indivíduo ao longo da vida e tornam-se pontes que se ligam ao cenário de suas trajetórias. “O documento é qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa, engloba tudo o que seja produzido, por motivos funcionais, jurídicos, científicos, técnicos, culturais ou artísticos”. (BELLOTTO, 2006, p. 35).

---

<sup>1</sup>

Os arquivos especializados são aqueles que têm sob sua guarda documentos resultantes das experiências humanas nos diversos campos do conhecimento, independente de sua forma física. Entre eles, podemos destacar os arquivos privados pessoais e de família, os arquivos literários, os arquivos médicos, os arquivos jurídicos, entre outros. (PAES, 2002).

Nesse sentido, podemos afirmar que o documento é o elemento através do qual o homem se expressa, objetivando registrar a informação, vinculando a importância desse conteúdo no tempo e no espaço. Esses registros podem ser feitos através da escrita, da gravação de áudio, da filmagem, da fotografia, registro sonoro enfim, podem ser registrados nos mais diversos suportes, tendo como foco principal o registro informacional. (CORDULA, 2014).

Os documentos arquivísticos, têm peculiaridades por serem únicos, autênticos, íntegros e interdependentes, e coadunam de uma acumulação natural no decurso de atividades administrativas ou no decorrer da vida cotidiana, apresentando uma significação orgânica entre si, que remonta o princípio da organicidade, apontando as relações dos documentos com o produtor, e dos documentos entre si.

Dessa forma, os documentos arquivísticos são aqueles produzidos e/ou recebidos por uma pessoa física ou jurídica, no exercício de suas atividades profissionais ou no decorrer da sua trajetória de vida, sendo organizados e acumulados com objetivo de prova ou de informação (CAMARGO; BELLOTTO, 1996).

Quanto aos documentos fonográficos arquivísticos, estamos considerando para além das relações com o produtor, o contexto histórico-social, delimitado no tempo e espaço, evidenciando o caráter informacional e memorialístico, principalmente na contribuição para a seara científica, na realização de estudos e pesquisas.

Buarque (2008) reporta-se aos documentos fonográficos como documentos que contem registros sonoros em suportes que necessitam de um dispositivo tecnológico para que possam ser gravados, transmitidos ou compreendidos. Nessa tessitura, Laurent (2001) assevera que os registros sonoros são artefatos legíveis por máquinas, ou seja, neste tipo de documentos a integridade da informação registrada, está diretamente relacionada à manutenção do suporte físico. Daí a importância de nos preocuparmos em preservarmos os suportes documentais fonográficos, pois sua integridade pressupõe a manutenção da informação nele contida, nesse sentido, devemos promover a conservação física do artefato.

Nesse contexto destacamos que para preservarmos os documentos fonográficos, faz-se necessário conhecermos para além do material que o mesmo está registrado, as suas especificidades, e a partir desse conhecimento, planejarmos ações que se adequem à realidade do acervo, pois sendo a maioria dos registros sonoros materializados em suportes de plástico, as medidas de conservação devem preocupar-se com a prevenção da degradação de plásticos, apresentando uma abordagem diferente das praticadas para os documentos convencionais.

Historicamente, a partitura consistiu o principal suporte para o registro das músicas ocidentais até o século XX, sendo também o principal suporte para a moderna música popular urbana antes do surgimento da gravação mecânica (BAIA, 2011). Com o advento das novas técnicas tanto de registro como de reprodução do material sonoro, ocorre a sua popularização em todo o mundo nas primeiras décadas do século XX, nesse período o suporte principal que começou a ter destaque no registro da música popular urbana, foi a gravação. (BAIA, 2011). Scharnovski (2009; 2010), afirma que até o século XX só conseguiam ouvir música quando executada ao vivo. Essa realidade mudou quando o fonógrafo (aparelho que permitia a reprodução de sons através de um cilindro com sulcos coberto por uma folha de estanho) foi criado por Thomas Alva Edison em 1877. Porém, por mais que fosse considerada como um avanço na época, o fonógrafo era limitado no que diz respeito a cópias múltiplas do som gravado, uma vez que a partir do momento em que for feita a gravação, ela permanecerá no mesmo cilindro, tornando assim uma peça única, além da durabilidade do formato ser extremamente curta, uma vez que o papel estanho se desgastava facilmente, e os cilindros, feitos de cera, eram facilmente quebrados. (CHANAN, 1995; DOWD, 2002; GITELMAN, 1999 apud MARCHI 2004).

Em 1888, Emile Berliner criou o gramofone, um disco giratório com cera, goma laca, vinil e cobre, era gravado por uma agulha e as vibrações do som eram emitidas e afinadas em uma corneta interligada a uma lâmina que sustentava a agulha, sendo sua principal diferença a utilização do formato do disco onde as gravações cujos sulcos dos discos eram laterais e ficavam num dos lados do material, e diferentemente do fonograma, ele permitia a duplicação dos discos, sendo feitos em goma-laca e sendo reproduzidos numa matriz de cobre. (MARCHI, 2004).

Nesse contexto, Scharnovski (2009; 2010) reitera a importância do século XX para a evolução dos documentos fonográficos. Uma forma de reprodução sonora importante foi a leitura feita por agulhas de sulcos realizada em discos de vinil. O vinil foi desenvolvido durante a segunda Guerra mundial, uma espécie de material plástico de poliéster, chamado Cloreto de Polivinilo (Vinil). A maior criação, que revolucionou a época foi o *LongPlaying* (LP), criado em 1948 com os primeiros monofônicos (sons Mono) e os estereofônicos (Sons Estéreis) em 1958, permitindo uma maior capacidade de armazenamento de informações em cada lado do disco. (MARCHI, 2004).

Quanto às informações atreladas a este suporte, Buarque (2009), esclarece que foi no século XX, na década de 1940 que o vinil surge, como disco de micro-sulcos, segundo o

autor, a informação sonora é emitida através da representação mecânica do sinal, sendo eles compostos de materiais maleáveis, quimicamente estáveis, porém, vulneráveis à danos mecânicos, como por exemplo arranhões.

O LP passou mais de 40 anos como o instrumento sonoro mais utilizado, até o surgimento do *Compact Disc* (CD), revelando a perspectiva da evolução tecnológica. Foi essa evolução que remonta a chegada do Disco digital de vídeo (DVD), mais um suporte que armazena informações sonoras em maior quantidade. Com isso observamos que o suporte foi ficando cada vez mais compacto e conseqüentemente armazenando um número maior de informação. Nesse contexto, percebemos que a evolução tecnológica, não ofusca a importância do LP, que passa a ser compreendido como um suporte informacional fonográfico, capaz de remontar uma história, memórias de uma sociedade.

Buarque (2008) reitera essa propositura, ao afirmar que os documentos fonográficos, são assim denominados por conterem sons e/ou imagens em movimentos, dispostas em suportes como: fitas cassetes, CD, DVD, vinil, etc. Esses documentos possuem características únicas, abrangem um público maior que os livros, podem às vezes não ser editados ou comercialmente gravados e reproduzidos e ainda assim continuarem com um amplo uso, diferentemente dos manuscritos. (RÊGO; AGUIAR, 2006).

Na maioria das vezes, os registros sonoros trazem consigo a musicalidade, portanto ela remonta a cultura histórica da sociedade a qual esta inserida. Considerando-o como fenômeno universal, ela referencia além do cenário histórico, dados sócio-político-culturais, revelando também os avanços tecnológicos.

A música brasileira tem prestígio reconhecido por todo o mundo, representando hábitos, práticas sociais, costumes, cultura, etc (AMADO; NOGUEIRA; MUNIZ, 2010). Sobre este aspecto, consideramos que o Brasil possui registros sonoros que remontam uma parcela significativa da história dos séculos XX, corroborando com essa perspectiva Rego e Aguiar (2006) reiteram ao compreenderem que esses acervos ressignificam a história e por isso precisam ser preservados, para mantermos “vivas” as memórias de um povo, a memória da sociedade brasileira. Neste sentido reafirmamos a importância das técnicas de preservação, bem como a necessidade de cuidados físicos especiais, para com esses documentos.

As letras musicais registradas no suporte fonográfico, descrevem relatos amorosos, cenários políticos, realidade social, muitas vezes uma espécie de denúncia das injustiças, impunidades, enfim, trazem em sua essência a informação de uma época, a memória dos fatos, nesse sentido, conforme relata Rêgo e Aguiar (2006), a música é informação.

Na seara da música popular brasileira, não devemos compreendê-la apenas como um texto, mas como narrativa poética. Sobre este aspecto recordemos Moraes (2000):

[...] para compreender a poesia da canção popular, é necessário entender sua forma toda especial, pois ela não é para ser falada ou lida como tradicionalmente ocorre. Na realidade, a letra de uma canção, isto é, a “voz que canta” ou a “palavra-cantada”, assume uma outra característica e instância interpretativa e assim deve ser compreendida, para não se distanciar das suas íntimas relações musicais. O distanciamento relativo entre ela e a estrutura musical deve ser feito apenas com intenção analítica, pois os elementos da poética concedem caminhos e indícios importantes para compreender não somente a canção, mas também parte da realidade que gira em torno dela. (MORAES, 2000, p.215).

Sobre esta perspectiva, podemos relacionar a música com o fator cultura, pois os sons e ruídos nos acompanham no cotidiano, é como trilha sonora do nosso dia a dia, manifestando-se sem distinção nas experiências individuais ou coletivas. Através da compreensão da canção como fonte de informação, conseguimos compreender algumas das realidades da cultura popular e descobrir a história de setores da sociedade pouco lembrados. (MORAES, 2000).

Diante da importância dos registros fonográficos, especialmente do disco em vinil, consideramos a relevância desses registros, enquanto artefato de informação e memória, sendo importante nos preocuparmos com a conservação e preservação dessas informações atreladas à esses suportes. Pois ao preservamos as informações, estamos contribuindo para a manutenção da cultura, da história, da memória, sendo essa conservação, um desafio para a prática arquivística.

Segundo Buarque (2008) os documentos fonográficos desgastam-se facilmente, mesmo realizando-se cuidados, necessitam de uma aparelhagem específica, destinada a cada tipo de disco ou fita. Não sendo manuseáveis como os registros impressos, necessitam de uma representação mais elaborada e completa, ou seja, que deve abranger todas as suas especificidades. O autor desperta para a realidade nas instituições responsáveis pela guarda desses acervos, não sendo em sua maioria, aplicados o tratamento devido e técnicas de preservação como de fato preconiza a literatura. Isto se deve ao reconhecimento recente por dos pesquisadores com relação aos documentos audiovisuais enquanto patrimônio cultural. (BUARQUE, 2008).

Nesse sentido, é importante analisarmos como se dá o processo de conservação e preservação nesses acervos, à medida que preservamos estamos evitando à necessidade de

restauração, e minimizando diretamente o risco de perdermos as informações registradas junto ao suporte fonográfico.

#### **4 CONSERVAÇÃO E PRESERVAÇÃO EM DOCUMENTOS SONOROS: prevenindo a perda da informação**

De acordo com o dicionário de terminologia Arquivística (2005, p. 135) a preservação é a prevenção da deterioração dos documentos, podendo ser realizada através do controle adequado do ambiente físico da unidade de informação, bem como do próprio suporte documental sonoro.

Sobre este aspecto, consideramos recordar o que preconiza a *International Institute for conservation-Canadian Group Canadian Association of Professional Conservators* referenciada por Laurent (2001, p. 15), sobre a preservação:

Preservação inclui todas as ações tomadas para retardar a deterioração e prevenir o dano á propriedade cultural. A preservação envolve o controle do ambiente e das condições de uso, podendo incluir o tratamento para se manter uma propriedade cultural, tanto quanto possível, num estado estável.

Nesse sentido compreendemos que a preservação constitui-se enquanto uma ação política da unidade de informação, que passa a minimizar os riscos de perder as informações orgânicas quando aplicadas cotidianamente as ações já estabelecidas. Para tanto sabemos que existem as ações de conservação, conforme relata Cassares (2000, p.12), compreendendo-as como: “Um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento).” Com relação à preservação, a autora ratifica que se trata de um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais. (CASSARES, 2000, p.12).

Entretanto, o Dicionário de Terminologia Arquivística (2005, p. 53) retrata a conservação como a “Promoção da preservação e da restauração documentos.” Sobre este aspecto consideramos esclarecer que existe a conservação preventiva e a conservação interventiva. A preventiva são as ações realizadas com objetivo de prevenir perdas das informações atreladas ao suporte documental, por exemplo o controle da temperatura, da luminosidade, da umidade, entre outros fatores. Já a interventiva, esta se constitui em

pequenas ações realizadas no próprio documento, no intuito de minimizar a deterioração já instalada no documento.

Dessa forma, a Restauração é compreendida “[...] como um conjunto de medidas que objetivam a estabilização ou a reversão de danos físicos ou químicos adquiridos pelo documento ao longo do tempo e do uso, intervindo de modo a não comprometer sua integridade e seu caráter histórico”. (CASSARES, 2000, p.12).

Uma vertente da conservação que vem conquistando seu espaço junto às instituições de guarda é a conservação preventiva, sendo ela, uma das principais estratégias de preservação. Buarque (2008) afirma que ela possui um caráter não interventivo em relação ao documento, fazendo com que venha a evitar danos causados por intervenções diretas inadequadas. O referido autor relata que alguns dos mais variados métodos de conservação (convencional) implicam em uma alteração direta do objeto, modificando e alterando características físicas do documento, o que caracteriza a conservação interventiva, conforme preconiza Cassares (2000).

Para que possamos preservar a documentação de um acervo é necessário observar as questões que envolvem a conservação preventiva, ou seja, melhorar e monitorar o meio ambiente onde se concentra a documentação e os meios de seu armazenamento, assim como também a necessidade de ressaltar cuidados referente não só a manipulação, mas também quanto ao acondicionamento e uso dos suportes, refletindo no retardamento de sua degradação.

A conservação interventiva tem a sua importância junto a um programa de preservação de acervos, porém, a mesma envolve também questões de restauração, atuando diretamente no suporte e podendo modificar algumas características do objeto, enquanto que a conservação preventiva atua no ambiente que circunda o objeto, podendo abranger desde a construção do edifício, bem como a instituição de medidas educativas para os usuários do arquivo.

No presente trabalho tomaremos como documento arquivístico para fins de conservação e preservação, os documentos fonográficos, sabendo-se que para cada suporte, os cuidados conservativos poderão ser diferentes.

Frente a isso, devemos considerar que cada suporte possui suas particularidades e sobre este aspecto, Scarabuci e Kafuri (2009) explicam que os CDs têm certa sensibilidade a luz forte porém, são imunes a fontes magnéticas comuns. Os discos de vinil não possuem sensibilidade a luz e muito menos a campos magnéticos, pois a sua forma de gravação é algo físico. Já as fitas magnéticas, independente de terem sido gravas digitalmente ou analogicamente, possuem sensibilidade a fontes magnéticas.

Por mais que a conservação garanta meios ou métodos para o melhor manuseio, guarda adequada, limpeza, enfim, um tratamento físico adequado, os autores Scarabuci e Kafuri (2009) alertam que não existe uma solução cem por cento eficaz para a veloz degradação dos suportes, apesar de que existem hoje parâmetros de digitalização e de conservação distintos que retardam e prolongam a vida útil dos suportes.

Diante do exposto é importante observarmos estas questões trazendo um pouco para o objeto de estudo do presente trabalho, ou seja, observar meios para se estabilizar um acervo especial, neste caso, o acervo fonográfico, meios estes que são fundamentais em um plano de preservação.

Primeiramente devemos observar os meios com os quais esse tipo de suporte é armazenado e acondicionado, a começar pelo disco de vinil que segundo Laurent (2001), em seu estudo intitulado “Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro”, observa que primeiramente devemos remover completamente todo o plástico que envolve a capa do papelão dos LPS (*Long Play*), pois com o tempo existe a possibilidade dele encolher fazendo com que cause o empenamento dos discos. Para suportes fonográficos de uma forma geral, deve-se também evitar que objetos pesados fiquem por cima dos registros, ou que os registros fique um por cima de outros, devendo ser arquivados verticalmente, em tamanho uniforme para evitar que itens menores possam ser perdidos ou serem danificados ou que os maiores possam ser submetidos a certa pressão.

Ainda com relação ao disco de vinil, é importante acondicionar as capas em um plástico, assim como acondicionar o vinil também em um plástico para proteger do papelão, sendo necessário colocá-las em caso de não aproveitamento das capas, em envelopes de *tyvek*<sup>2</sup> e este dentro de um envelope de polipropileno, com bases no estudo desenvolvido por Silva (2008), conforme figura 1.

**FIGURA 1:** Disco tratado, sendo acondicionado em envelope tyvek e envelope de polipropileno

---

<sup>2</sup> Tecido Resistente a fungos, não conduz fogo, é inerte e livre de ácido.





**Fonte:** SILVA (2008)

Recomenda-se por fim o acondicionamento do disco em uma caixa plástica de polipropileno com espaço máximo de 15 unidades por caixa, para que não comprometa a integridade dos suportes, sendo essas caixas devidamente identificadas.

É importante lembrar que as prateleiras para suportar essas caixas não devem ser de madeira, pois absorve de forma considerável a umidade do ar, sendo interessante acondicioná-las em estantes de aço, arquivo deslizante, ou prateleiras de vidro espesso para suportar o peso e trazer segurança ao usuário e ao acervo.

As fitas magnéticas também requerem cuidados especiais no que diz respeito ao armazenamento e acondicionamento, segundo Laurent (2001) elas devem ser armazenadas longe de qualquer campo magnético, e deve-se evitar seu armazenamento em saco plástico no interior da caixa da fita, pois a mesma retém umidade. É importante trazermos aqui algumas considerações e termos técnicos a respeito da fita magnética e o seu acondicionamento, dessa forma relata Laurent (2001):

Rolos de 10 polegadas devem contar com suportes no interior de suas caixas, de forma que o eixo da bobina (e não as flanges) sustente o peso da fita; armazene as fitas de rolo com um 'bobinamento arquivístico'. Bobine as fitas lentamente, de forma a evitar a formação de bolsas de ar entre as camadas da fita, o que causaria uma disposição não uniforme de camadas sucessivas umas sobre as outras. Esta falta de uniformidade causará tensões, fará com que o aglutinante seja exposto ao ar e deixará as bordas laterais da fita expostas a possíveis danos físicos pelas flanges. (LAURENT, 2001, p. 19).

Diante do exposto, percebemos que cada suporte exige diferentes cuidados o que demonstra complexidade no seu tratamento, uma vez que são suportes diferentes, que se enquadram no mesmo gênero documental, o gênero fonográfico.

Quanto à limpeza dos discos, alguns autores recomendam uma limpeza com compressor de ar e lavatórios mais voltados para uma forma de limpeza manual, não utilizando compostos de substâncias ou abrasivos que comprometam a integridade física do suporte. De acordo com Silva (2008, p.50):

O disco passa então para a higienização com jato de ar. Os discos são jateados com pistola de ar sobre papel mataborrão. O movimento do jato de ar deverá acompanhar o espiral dos microsulcos de cada lado do disco. Após o jateamento, serão acondicionados em entretela enquanto aguardam ser encaminhados à área de banho. O jato de ar mostrou-se muito mais eficiente que a aspiração.

A partir do jateamento de ar citado, evita-se que sujidades sejam direcionadas ao disco, porém é importante salientar que sujidades adquiridas e fungos nos sulcos dos discos não são retiradas ainda nesta etapa do processo.

Segundo Domingues (2010) após o procedimento citado, deve-se lavar os discos em uma solução de água duplamente filtrada juntamente com um detergente neutro, garantindo a retirada de partículas e sujidades resistentes. Esta etapa é realizada em banheiras de plástico, com capacidade de 30 litros e forradas com papel mata borrão para evitar que os discos entrem em contato com a banheira e arranhem. Esse processo de higienização com água e detergente é realizada com o auxílio de uma trincha macia, realizando movimentos circulares de acordo com a posição dos sulcos nos dois lados do disco. E por fim, após o enxágüe e a retirada do detergente com água abundante e corrente, os discos passam por uma secagem, no qual são colocados em escorredores plásticos na posição vertical, que podem receber o auxílio de um novo jateamento de ar para uma secagem mais rápida e a retirada de alguns resíduos restantes. Os procedimentos referidos estão ilustrados à seguir nas figuras 2 , 3 e 4.

**FIGURA 2:** Higienização do disco de vinil com jato de ar

**FIGURA 3:** Higienização com detergente neutro



**Fonte:** Instituto Cultural Cravo Albin (2014)



**Fonte:** DOMINGUES (2010)

**FIGURA 4:** Banho de disco de vinil e secagem no escorredor



**Fonte:** Instituto cultural Cravo Albin (2014)

Com relação a limpeza dos suportes de fita magnética e CD (*Compact Disc*), Laurent (2001) propõe que, no caso das fitas, é necessário fazer uma aspiração no mecanismo de montagem das fitas de rolo em caso dela estar empoeirada, utilizando um aspirador que possua uma mangueira e que fique distante do motor do aspirador já que esse tipo de suporte é extremamente frágil a magnetização. E por fim, é necessário utilizar um produto chamado de Tape Cleaning Fabric (Tecido para Limpeza de Fita), que fará a limpeza de sujidades localizadas nas superfícies das fitas.

Já no caso dos CDs, é fundamental a utilização de uma pistola de ar para retirar a poeira superficial leve. Em caso de manchas e impressões digitais, deve-se utilizar de um pano macio embebido de uma concentração de tergitol<sup>3</sup> e água destilada, passando no disco

---

<sup>3</sup> Surfatante solúvel em óleo e água, que possibilita a remoção de poeiras e graxas.

levemente, evitando a fricção. Logo após, usa-se um pano com água destilada, enxaguando e ao final usando uma pistola de ar para retirar fiapos restantes no cd. (LAURENT, 2001).

Diante desse panorama, podemos compreender que cada suporte possui as suas especificidades quanto a conservação, sendo os discos de vinil objeto de estudo de vários programas de conservação de acervos sonoros. No caso das fitas magnéticas e CDs, é escasso materiais bibliográficos que versem sobre essa temática, o que revela uma necessidade de aprofundamento e ampliação sobre esses suportes que possuem suas fragilidades, necessitando de cuidados específicos, com objetivo de manutenção da informação.

É importante observamos também a utilização em diversos estudos de um sistema de microscopia (Figura 5), no qual registra as imagens e o grau do dano, possibilitando a visualização completa de todas as sujidades presentes no material, além da presença de contaminação por fungos, facilitando o trabalho de diagnostico, diagnostico esse fundamental e que antecede a etapa de higienização (DOMINGUES, 2010).

**FIGURA 5:** Sistema de Microscopia



**Fonte:** DOMINGUES (2010)

Um dos fatores de deterioração dos suportes sonoros, e que merece um enfoque, é a questão do meio ambiente, mais precisamente a umidade relativa do ar, temperatura e a incidência de luz, que devem estar contemplados em um programa de conservação preventiva de acervos.

Um dos erros mais cometidos em acervos é a oscilação de temperatura e umidade relativa, afetando negativamente os suportes, conforme relatos de Laurent (2001):

---

► Nos discos de acetato pode gerar perda do plastificante resultante do elevado nível de umidade relativa, e consequentemente a contração do revestimento da laca que junto ao calor provocando rápida degradação do material.

► Da goma laca, elevados níveis de temperatura causam uma fragilidade ao suporte, tornando-o quebradiço.

► Do disco de vinil, onde as variações térmicas causam pequenas deformações irreversíveis e cumulativas;

► Nas fitas magnéticas, no qual a oscilação, chamada de flutuantes ambientais, causam a fadiga do aglutinante, rachaduras e afetam a tensão do bobinamento, resultando a perda irreversível do material e consequentemente da informação registrada no suporte.

Quanto aos aspectos ambientais Buarque (2008) alerta que devemos manter, de uma forma geral, os níveis de umidade e temperatura baixos e estáveis, mas devemos controlá-los para evitar o surgimento de fungos. E se formos levar em consideração o aumento de temperatura, causara a deformação dos suportes, ficando impossibilitado de ser reproduzidos em máquinas de leitura. Nesse sentido, o referido autor relata:

Os padrões ótimos de temperatura e umidade para armazenamento de documentos audiovisuais, seguindo recomendações internacionais, são de 25-30% de umidade relativa (UR) e 10°C de temperatura. No entanto, esses são parâmetros muito pouco viáveis em países tropicais, em função do alto custo para a climatização dos ambientes. Portanto, a regra principal, e ao mesmo tempo a de mais difícil execução, é tentar adotar um parâmetro que se possa manter 24 horas por dia, durante todo o ano, com mínimas variações de temperatura e umidade relativa. (BUARQUE, 2008, p.45)

Talvez na realidade climática do Brasil, seja mais viável o que preconiza Cassares (2000) com relação aos parâmetros de temperatura e umidade. A autora alerta que é preciso manter a temperatura aproximadamente em torno de 20 °C e a umidade relativa em 45% a 50%, e evitar a todo modo as oscilações de 3 °C de temperatura e 10% de umidade relativa. Por ser um material higroscópico (papel, capas de disco de vinil, fitas magnéticas, discos em acetato e goma laca), ou seja, que absorvem e liberam umidade com extrema facilidade, os suportes constituintes dos acervos se expandem e contraem com variações de temperatura e umidade relativa, fazendo com que se acelere o processo de deterioração e degradação, provocando danos irreversíveis aos documentos.

Recomenda-se também, para o controle da umidade relativa do ar e temperatura, o uso de um aparelho chamado de termohigrômetro, que faz a verificação desses dois parâmetros,

possibilitando tanto o controle e adequação quando necessário, com objetivo de facilitar a conservação dos documentos do acervo.

Sobre a incidência de luz, é importante observar que a mesma causa danos irreversíveis aos documentos, sejam elas artificiais ou naturais. Segundo Cassares (2000, p.15): “O papel se torna frágil, quebradiço, amarelecido, escurecido. As tintas desbotam ou mudam de cor, alterando a legibilidade dos documentos textuais, dos iconográficos e das encadernações.” A autora traz a exemplificação da incidência de luz nos papéis e seus agregados, no qual podemos remeter as capas dos discos, que podem sofrer tais alterações. A radiação ultravioleta é o componente mais nocivo, que traz danos irreversíveis e cumulativos aos documentos. Laurent (2001) em suas recomendações de ambiente e armazenamento apropriado, ressalta que os registros sonoros devem ficar armazenados no escuro, sendo necessário fazer uso de instalações de luz com tubos fluorescentes que não produzam radiação ultravioleta que exceda a 75 mw/lm (microwatts por lúmen). Além disso, devemos ressaltar também que a circulação de ar entre as estantes é importante para amenizar os efeitos danosos.

Esses são os principais fatores de degradação dos registros sonoros, e tais recomendações são imprescindíveis em um programa de preservação.

Outro problema que é bastante recorrente é a reprodução dos registros com mais de quarenta anos, apesar de geralmente realizarem regravações, as músicas populares em sistemas 78rpm correm sério risco de extinção, até por que existem grandes dificuldades de se encontrar um fonograma no mercado. Nesses casos percebemos além de dificuldades de reprodução e duplicação, a inviabilidade de realização de projetos de pesquisa, que necessite do uso das informações registradas nesse suporte. (COELHO; PICCINO, 2004). Sobre esse contexto os autores alertam:

[...] o desaparecimento dos suportes de gravação pode acarretar na extinção não somente de um disco ou de uma interpretação, mas de uma música em si, no caso de não haver registro gráfico. A prova disso são as grandes quantidades de “brancos” na discografia oficial que nos fazem atentar para o fato de que a música é um bem cultural passível de ser preservado. (COELHO; PICCINO, 2004, p. 03).

Nesse sentido destacamos que avanço tecnológico, vem a minimizar essa problemática, pois propicia a possibilidade de fazer a migração da informação analógica para o meio digital, assim, além de evitar o manuseio e o uso contínuo dos suportes causando a diminuição do seu tempo de vida, faz com que tenhamos acesso a informação registrada em suportes mais antigos, dispensando o uso de máquinas analógicas de reprodução.

Outro pilar erguido pela seara tecnológica no contexto dos acervos fonográficos é a preservação digital, que facilita o acesso e o uso das informações orgânicas contidas nesses suportes. Dessa forma destacamos à seguir, os meandros da preservação digital.

## **5 PRESERVAÇÃO DIGITAL: manutenção da informação sonora orgânica**

Para se efetivar a preservação em longo prazo de acervo sonoro, tendo em vista a obsolescência tecnológica dos suportes sonoros, é imprescindível a adoção de recursos tecnológicos atuais para a manutenção da informação. A partir do momento em que se digitaliza a informação contida por exemplo nos discos e fita magnética, surge a necessidade de se adotar procedimentos de manutenção inerentes a preservação digital, denominados de estruturais e de operacionais. (FLORES; SANTOS, 2015).

Quanto aos procedimentos estruturais podemos mencionar como sendo o estágio inicial de toda preservação digital, permitindo definir questões que se relacionam a escolha de normas, padrões, infraestrutura, financiamentos e definição de metadados. Por outro lado temos os procedimentos operacionais que reportam-se a todas as atividades inerentes a preservação física, lógica e intelectual dos documentos digitais, tendo como base as ações de encapsulamento, migração e emulação. Com isso, podemos relacionar as praticas estruturais às políticas de uma forma geral, e os procedimentos operacionais às questões que envolvem a manutenção do documento digital através de atividades específicas. (FLORES; SANTOS, 2015).

Segundo Márdero Arellano (2008) as estratégias de preservação digital podem e devem ser divididas em três classes essenciais: a Emulação, Migração e o Encapsulamento. A emulação seria basicamente a simulação de uma tecnologia mais antiga em uma mais recente, possibilitando a reprodução e a preservação do dado original no seu formato original (MÁRDERO ARELLANO, 2008). O encapsulamento por sua vez, segundo Deus e Jorge (2010) consiste em manter o objeto digital juntamente com toda a informação de software possibilitando o seu funcionamento e a sua futura recuperação. E por fim a migração que segundo a definição da *Task Force on the Archiving of digital information da commission on preservation and acess e o research library group* apud Márdero Arellano (2008), seria a transferência periódica dos materiais digitais de uma distinta configuração de hardware/software para outra, ou por sua vez a geração de uma tecnologia computacional para a geração seguinte. Observa-se que o objetivo principal da migração é manter a informação



dentro de uma constante mudança tecnológica, evitando a obsolescência, e transferir para novos formatos, mantendo a integridade da informação.

Quanto a recuperação da informação em meio digital, podemos associar a um sistema de metadados confiável, no qual possibilita, através de dados, uma melhor busca, visualização e recuperação da informação em uma base de dados.

O modelo de requisito para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos estabelecido pelo Conselho Nacional de Arquivo (2009) define metadados como dados que são estruturados que não só descrevem mas permitem também encontrar, compreender, encontrar, gerenciar e preservar documentos arquivísticos ao longo do tempo. De acordo com Sayão (2010) quanto ao seu tipo, os metadados podem ser divididos da seguinte forma: descritivos, administrativos e estruturais.

Metadados descritivos: é a face mais conhecida dos metadados, são eles que descrevem um recurso com o propósito de descoberta e identificação [...]. Metadados estruturais: são informações que documentam como os recursos complexos, compostos por vários elementos, devem ser recompostos e ordenados [...]. Metadados administrativos: fornecem informações que apoiam os processos de gestão do ciclo de vida dos recursos informacionais. Incluem, por exemplo, informações sobre como e quando o recurso foi criado e a razão da sua criação [...] (SAYÃO, 2010, p. 5).

Com o atual cenário tecnológico, a preservação em meio digital ganha força, pois existem atualmente softwares e hardwares que garantem a gravação e consequentemente a conservação do registro original (SCARABUCI, KAFURE, 2009). Sobre este aspecto, os autores advertem que a digitalização de forma alguma vai dispensar a utilidade dos originais, tendo em vista que um documento em meio virtual pode ser facilmente alterado ou modificado, então a sua garantia encontra-se justamente nos originais, pois os mesmos possuem a sua veracidade e legalidade que é impossível de ser alterado.

Quando nos referimos a evolução tecnológica, podemos contar com o *Digital Mass Storage System* (DMSS) que consiste em um repositório digital introduzido nas rádios alemãs nos anos 90, e que é um meio bastante viável no campo da preservação de arquivos digitais sonoros e audiovisuais. Composto por uma série de Hds (hard disk – memória permanente do computador e armazena todas as informações salvas pelo o usuário) ou discos rígidos espalhados, o DMSS funciona de forma que, quando um disco apresenta falhas, ele automaticamente migra toda a informação para um segundo disco e assim sucessivamente (BUARQUE, 2008).



Em termos de software, o Audacity é bastante recomendável, com uma versão “free” e totalmente em português, ele permite o trabalho com discos de vinil e fitas magnéticas com diversas rotações. Um software com bastantes recursos, como por exemplo o recurso que modifica a velocidade do som, permitindo uma melhor visualização e tratamento, sem contar também com opções como remover ruído que otimiza a qualidade das gravações e também a função multi pista que permite trabalhar com diversas faixas ao mesmo tempo (BUARQUE, 2008).

Atualmente, existem diversos softwares no mercado, mais o audacity se destaca pela sua funcionalidade e recursos que permitem um melhor trabalho com os suportes sonoros. Vale lembrar que conseqüentemente se faz necessário o uso de um conversor externo para que seja feita a conversão dos sinais analógicos em sinais digitais. Sendo importante e necessário, também seguirmos as recomendações técnicas que a *International Association of Sound and Audiovisual Archives* (IASA), uma das mais importantes associações do mundo voltada para a temática da preservação de documentos sonoros e audiovisuais.

A tecnologia surge como um aliado à pratica no que tange a gravação sonora, preservando e disseminando o conteúdo dos discos, fitas, enfim, de todos os suportes, não havendo a necessidade de descartá-los.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho buscou analisar as questões que envolvem a conservação e a preservação dos documentos fonográficos, além de explanar de uma forma geral as características e surgimento destes suportes. Constatamos, através do levantamento bibliográfico, que os suportes sonoros têm especificidades quanto ao manuseio, ao controle ambiental, ao armazenamento, e as técnicas de conservação, tendo em vista que são compostos por diferentes substâncias, numa determinada época, e que necessitam de cuidados específicos.

Nesse contexto destacamos a relevância desta pesquisa realçando as questões que envolvem a preservação e a conservação destes materiais, fomentando além da contribuição teórica nesta seara, a contribuição também sobre os aspectos culturais, haja visto que ao conservamos as informações contidas nestes suportes, estamos possibilitando a manutenção destas informações e conseqüentemente o seu acesso e uso. Uma vez que os acervos

fonográficos que não recebem tratamento específico, podem sofrer o risco de degradação e consequente perda das informações.

A tecnologia é vista como aliada a preservação e acesso à informação orgânica contida nos materiais sonoros, trazendo recursos tanto em termo de hardware, como de software, no intuito de proporcionar tanto o acesso e uso dos documentos sonoros, como da preservação da informação e de seus originais.

Compreendemos que a manutenção da informação registrada em suportes sonoros, especialmente em documentos antigos, é necessária que a instituição que detêm a guarda do acervo reserve parte de seu orçamento para programas e políticas de preservação, treinamento de pessoal para o manuseio e aplicação das técnicas de conservação, bem como para aquisição de equipamentos e materiais necessários a conservação.

Manter um acervo fonográfico não é tarefa fácil, tendo em vista que muitos deles são extremamente frágeis, como é o caso do disco em acetato e goma-laca, e por carregarem consigo na maioria das vezes um valor artístico, cultural, histórico na sociedade em que a mesma esta inserida. O gestor deve manter seu olhar atento às ações de preservação, oferecendo palestras, exposições, conferências ao seu público e usuário do acervo e os administradores de uma forma geral, ressaltando o valor patrimonial e a necessidade de se manter toda essa riqueza informacional nos registros sonoros.

Sentimos dificuldade ao fazer todo o levantamento teórico a respeito do tema, uma vez que as pesquisas referentes à preservação e conservação dos documentos fonográficos são bastante escassas. Concluímos que as recomendações explicitadas no presente trabalho é uma opção viável e importante para prolongar o tempo de vida do acervo.

## REFERÊNCIAS

AMADO, M. M. ; NOGUEIRA , M. S. ; MUNIZ , T. M.Os arquivos sonoros da radio universidade fm: uma ligação entre o passado e o presente através das ondas do rádio. In: **Encontro Nacional de Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão, e Ciência da Informação: Os desafios do profissional da informação frente às tecnologias e suportes informacionais do século XXI: lugares de memória para a biblioteconomia**, 2010, Paraíba. Paraíba: UFPB, 2010. p. 01/10.

ARAGÃO, I. C. **Uma Proposta De Preservação para o Acervo Fonográfico da Rádio Tabajara da Paraíba**. João Pessoa, 2014.TrabalhodeConclusãoa de Curso (Graduação em Arquivologia)- Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

BAIA, S. F. Partitura, fonograma e outros suportes: Fontes para a historiografia da música popular. **Anais** do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011. Disponível em:

<[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851175\\_ARQUIVO\\_comunicacaoSilvanoBai a.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300851175_ARQUIVO_comunicacaoSilvanoBai a.pdf)>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BELLOTTO, H. L. **Arquivística**: objeto, princípios e rumos. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2002.

BELLOTTO, H. L. **Diplomática e Tipologia Documental em Arquivos**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Briquet de Lemos, 2008.

BRASIL. Lei 8159, de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8159.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

BRITO, L. S. Arquivos especiais: caracterização e identificação dos suportes, das formas e dos formatos. **Ponto de Acesso**, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em:

<<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12415>>. Acesso em: 14 Ago. 2016.

BUARQUE, Marco Deer, Documentos Sonoros: Características e estratégias de preservação. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.2, n.2, p. 37-40, ago/set.2008. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3021>> Acesso em 4 set. 2016.

CASSARES, N. C. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. vol.1 Trad. Roneide Venancio Majer com a colaboração de Klauss Brandini Gerhardt. 8 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

COELHO, F. C.; PICCINO, E. Arquivo Sonoro e acesso a música popular no Brasil: Um estudo de caso do Projeto de Preservação e Digitalização do Acervo da Discoteca Oneyda Alvarenga do Centro Cultural São Paulo. In: Congresso da Seção Latino-Americana da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular, 5., 2004, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: IASPM, 2004. Disponível em:

<[http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/Resumos/ResFranciscoCoelhoEvaldoPiccino.htm](http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/Resumos/ResFranciscoCoelhoEvaldoPiccino.htm)>. Acesso em: 03 set. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. Modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos: e-ARQ Brasil. Versão 1.1. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

CÓRDULA, A. C.C. C. **ARQUIVO PRIVADO PESSOAL E DE FAMÍLIA**: percepção dos concluintes dos cursos de Arquivologia da cidade de João Pessoa-PB. João Pessoa, 2014. Trabalho de Conclusão de Curso-Universidade Federal da Paraíba, 2014.

DEUS, D. R. C. de; JORGE, P. D. S. de S. **Preservação digital: estratégias para preservação de documentos a longo prazo.** [2010]. Disponível em: <<http://rabci.org/rabci/node/550>>. Acesso em: 14 set. 2016.

DOMINGUES, M. Acervo Sonoro do Arquivo Nacional: Higienização, acondicionamento e armazenamento. **Acervo**. Rio de Janeiro, v.23, n° 2, p. 105-114, jul./dez 2010.

FLORES, D. ;SANTOS, H. M. Políticas de preservação digital para documentos arquivísticos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 20, n. 4, 2015. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/19215>>. Acesso em: 14 Set. 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LAURENT, G. St. **Guarda e manuseio de materiais de registro sonoro**. Tradução de: Pedersoli Júnior, J. L. Rio de Janeiro: Caderno n. 43 – Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos –CPBA: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/183738800/Guarda-e-Manuseio-de-Materiais-de-Registro-Sonoro-Projeto-Conservacao-Preventiva-em-Biblioteca-e-Arquivos-pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

MÁRDERO ARELLANO, M. Á. **Critérios para a preservação digital da informação científica**. 2008. 354 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1518/1/2008\\_MiguelAngelMarderoArellano.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1518/1/2008_MiguelAngelMarderoArellano.pdf)>. Acesso em: 14 set. 2016.

MARCHI, L. A Angústia do Formato: uma história dos formatos fonográficos. **E-Compós**, número 2, julho/2004. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/29/30>>. Acesso em: 12 set. 2016.

MORAES, J.G. V. de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Rev. bras. Hist.** [online]. 2000, vol.20, n°39, p.203-221. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882000000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882000000100009)>. ISSN 0102-0188. Acesso em: 04 out. 2016

PAES, M. L. Arquivo: teoria e prática. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004. 228 p.

RÊGO, L. M. V.; AGUIAR, V. B. MÚSICA, CULTURA, E INFORMAÇÃO: preservação do acervo musical alagoano. **Biblionline**. Alagoas, v.2, n.2, p.1-18, 2006.

RODRIGUES, A. M. L. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspect. ciênc. inf.**, Belo Horizonte, v.11 n.1, p. 102-117, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n1/v11n1a09>>. Acesso em: 16 ago. 2016.

RONDINELLI, R. C. **O conceito de documento arquivístico frente á realidade digital: uma revisão necessária**. 2011. 270 f. Tese (Doutorado em ciência da informação). Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2011. Disponível em:

<[http://www.siarq.unicamp.br/siarq/images/siarq/publicacoes/preservacao\\_digital/tese\\_rondinelli.pdf](http://www.siarq.unicamp.br/siarq/images/siarq/publicacoes/preservacao_digital/tese_rondinelli.pdf)>. Acesso em: 17 ago. 2016.

ROUSSEAU, J. ; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

SAYÃO, Luís Fernando. Uma outra face dos metadados: informações para a gestão da preservação digital. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da informação**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p.1-31, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/1518-2924.2010v15n30p1/19527>>. Acesso em: 19 out. 2016.

SCARABUCI, M.; KAFURE, I. Diretrizes para digitalizar e conservar os suportes de som. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 14, n. 3, p. 140-152, set./ dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n3/09.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2016.

SILVA. A preservação e o acesso de acervos fonográficos \_ relato de pesquisa. In: **Arquivística. net**, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.35-58, 2008.

SCHARNOVSKI, Kaloni. Digitalização e difusão de documentos fonográficos do acervo musical da UFG. In: V Simposio de Cognição e Artes Musicais Internacional, 2009, Goiânia.

SILVA, A. M. da; et al. **Arquivística: teoria e prática de uma Ciência da Informação**. 3. ed. Porto: Afrontamento, 2009.

## **CONSERVATION IN PHONOGRAPHIC COLLECTIONS: preserve in order not to restore**

### **ABSTRACT**

The present paper aims to analyze the process of conservation and preservation of phonographic collections, as well as its characteristics, bringing a brief historic of its emergence while a documentary support. The methodology consists of a bibliographic survey based on the search for theoretical contributions, in order to comprehend phonographic collections, as well as questions that involve their conservation and preservation. The research was divided into two stages, which were characterized as exploratory and descriptive, making use of qualitative approach. By means of the bibliographic survey, it was noted that the supports have their specificities in relation to the care and the conservation procedures. This way, it is important the knowledge of these specificities in order to trace ways of conservation of the information registered in these supports. In relation to the acetate and shellac discs, it was noted a bigger fragility of them, requiring even more specific care. As for technology, it becomes allied to the preservation and access of organic information registered in sound documents, constituting in an auxiliary instrument in the maintenance and register of sound information. Before this scenario, it is concluded that the presented recommendations are fundamental to prolong the information registered in phonographic collections.

**Keywords:** Phonographic Collection. Preservation. Conservation. Organic Information.  
Sound Information.